

## Viradas Culturais nas periferias de SP

Vinícius Spira

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1401>

DOI: 10.4000/pontourbe.1401

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 Julho 2012

**Referência eletrónica**

Vinícius Spira, « Viradas Culturais nas periferias de SP », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 28 julho 2012, consultado o 26 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1401> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1401

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 26 Abril 2019.

© NAU

---

# *Viradas Culturais nas periferias de SP*

Vinícius Spira

---

- 1 Na noite da Virada, cheguei por volta das dezenove horas ao CEU Vila Rubi, para ficar algumas horas e voltar para o centro. Os fatos observados apontam para a Virada como momento especial de produção de maior diversidade intergrupar no CEU, em direção à definição clássica de espaço público, ainda que esta diversidade envolva frequentadores do entorno do CEU. Este me parece o ponto mais importante a ressaltar desta visita, e quase todos os outros de alguma forma relacionam-se a ele.
- 2 Encontrei semelhanças e diferenças importantes entre os eventos que presenciei no CEU Vila Rubi e no centro da cidade, onde estive antes e depois da visita ao CEU. Em primeiro lugar, podemos forçar uma certa troca de palavras e dizer que, na Virada, se a periferia vai ao centro, os CEUs, como centralidades periféricas, também assumem melhor sua vocação de espaço público, na medida em que, como dissemos, os portões abrem-se para uma maior diversidade de eventos e de pessoas.
- 3 Seguimos agora com nosso diário de campo, organizado por tópicos de interesse e, na medida do possível pela ordem cronológica dos eventos presenciados. Primeiro, algumas considerações sobre os seguranças. A entrada do CEU estava com os portões abertos. Na entrada, um guarda estava presente e acenou para mim quando entrei. Este simples fato parece dar o tom da maneira como o CEU estava sendo vigiado: entrada aberta, mas monitorada com atenção.
- 4 À medida em que fui andando pela rua interna, percebi que havia seguranças posicionados em pontos estratégicos dela, e fui abordado duas vezes por realizar movimentos não muito prescritos: (1) no começo, me dirigi ao edifício da gestão, que estava com o primeiro portão ainda aberto, e fui verificar se poderia subir para talvez encontrar o Cláudio, gestor do CEU e meu conhecido. Um segurança se aproximou de mim com firmeza e educação e perguntou o que eu desejava. Eu disse que procurava falar com a administração e o Cláudio, ele disse que não tinha mais ninguém e sugeriu que eu conversasse com uma outra funcionária (cujo nome esqueci), que era quem estava lá organizado o evento. Eu disse que falaria depois com ela, e agradei, voltando para rua. (2) Durante o "cortejo" descrito mais adiante, estava tirando fotos e quis subir a rampa de

acesso da escola para fotografar o evento do alto. Um segurança imediatamente veio até mim e fez um gesto indagando onde eu ia. Quando apontei para máquina, ele entendeu e me deixou subir sem problemas, demonstrando atenção e transigência.

- 5 Pelo que me pareceu, há três pontos estratégicos em que os seguranças ficam dentro do CEU: na portaria (início da rua), na inflexão de noventa graus, de forma a avistar os dois braços da rua por inteiro e provavelmente controlar também o acesso à piscina, que fica logo atrás, e no fim da rua, dando atenção especial à entrada do bloco cultural e aos acessos em rampa das escolas.
- 6 Faremos agora uma caracterização geral do público que estava presente. O CEU estava ocupado quase que totalmente por jovens e crianças, e me chamou atenção o clima totalmente diferente da Virada no centro da cidade. Aqui a Virada é para moradores locais, evidentemente, mas como veremos a seguir há indícios de que a diversidade era maior do que o normal.
- 7 Os jovens conversavam e andavam, eventualmente gritando, correndo, e provocando-se. Em geral andavam em grupos, que podiam se desenrolar em filas, na medida em que o deslocamento envolvia fluidez diferencial dos indivíduos. A maior parte dos grupos parecia reunir jovens de um mesmo gênero. Havia também crianças mais novas, por vezes acompanhadas dos pais. Mas havia muito poucos adultos.
- 8 Havia jovens espalhados pela rua interna do CEU, mas a maior parte do público aglomerava-se perto das atividades programadas, dentro do bloco cultural, onde ficam as salas para cursos, teatro e quadras, no fim da rua interna e após a inflexão de noventa graus da rua. A rua deste CEU é um espaço físico que organiza em torno de si todos os equipamentos, mas com muito pouca clareza e permeabilidade espacial. De qualquer forma, isso não parece ser uma preocupação para quem está lá.
- 9 Segue-se um relato das atividades que estavam sendo oferecidas. Do lado direito da porta, e atrás da quadra, havia uma construção provisória, constituída de planos de tecido suspenso, onde lia-se "cemitério". O interior deste espaço não podia ser observado, e a idéia da atividade era que os usuários entrassem numa espécie de susceção de espaços onde monstros (pessoas maquiadas e vestidas a caráter) estariam presentes, assustando quem entrasse. Mas a atividade estava paralisada, e havia uma longa fila de jovens ao longo dos 2 ou 3 degraus para a quadra (que serve de pequena arquibancada para a quadra), com uns 20 metros de comprimento. Alguns "monstros" estavam conversando com a pessoa que controlava o acesso ao cemitério, e depois eu soube que o lugar havia sido depredado por alguns meninos, durante a brincadeira. Encontrei, numa sala do segundo andar, os monstros reunidos, retocando a maquiagem e conversando, mas o fato é que, bem mais tarde, a organizadora do evento (que esqueci o nome) me disse que a atividade havia sido suspensa, e que voltaria no dia seguinte.
- 10 No saguão do bloco cultural havia uma bancada com comidas. Havia umas três mulheres oferecendo lanches, basicamente pastéis, refrigerantes e cachorros-quentes. Havia também uma mesinha ao lado desta bancada, com um homem vendendo fichas para a comida. Eu comprei um cachorro quente no começo, e perguntei que salsicha era, e a mulher me disse "agora você me pegou, mas olha, não mata não, que eu comi um agora pouco". De qualquer forma eu não gostei do lanche. Mais tarde pedi um pastel, que estava melhor. Havia bem poucas pessoas comprando lanches, e as 10 ou 15 mesinhas de plástico que estavam na frente da bancada ficaram quase desocupadas enquanto eu estava lá.

- 11 Quando estava quase indo embora, acho que perto das 20h ou 21h, começou a tocar música para dança de salão numa mesa de som que havia sido instalada no patamar da escada de acesso ao segundo piso, mas só pude ver um ou outro casal dançando – tratava-se do início de um baile, que provavelmente deve ter esquentado depois.
- 12 Quando cheguei ao CEU, o acesso ao segundo andar estava liberado, mas depois de um certo momento encontrei tapumes barrando o acesso à escada, que provavelmente também serviam para proteger a mesa de som (que estava instalada no patamar da escada). A organizadora do evento, num certo momento, estava brigando com alguns jovens, que se escondiam por trás desse tapume e ameaçavam subir para o piso superior. A coisa até pareceu estar engraçada para ela por um certo momento, mas logo ela perdeu um pouco a paciência, e pediu que todos saíssem dali. Com um pouco de dificuldade, conseguiu ser obedecida.
- 13 No auditório apresentaram-se alguns grupos diferentes de músicos e dançarinos. Primeiro um grupo com músicas brasileiras de vários ritmos dançantes, principalmente do nordeste. Depois um grupo de dança e música, a meu ver coordenado pelo mesmo professor, e finalmente um grupo de dança do ventre.
- 14 Logo após uma breve incursão ao teatro, saí para observar o foyer, e assisti a uma movimentação de reunião dos jovens, que foi feita pelo alto falante, pela organizadora, no patamar da escada. Ela dizia a todos que fossem até a entrada do CEU, porque nenhuma atividade ia acontecer antes que o "cortejo" (não me lembro bem se foi esta palavra) acontecesse. Ela teve que repetir isso várias vezes, até que os jovens desistissem de ficar na fila do "cemitério", e fossem se dirigindo para a rua interna do CEU. Eu fui seguindo o fluxo, e como nada afinal estava acontecendo, sentei ao lado de um grupo de jovens que conversavam entre si, numa mureta lateral do edifício da gestão. Os jovens estavam naquele momento espalhados pela rua interna, conversando muito, em grupos que interagiam de formas variadas e ambivalentes. Alguns subiam no talude lateral da rua, no topo do qual começa o edifício escolar com os elementos vazados em círculo.
- 15 Ouvi os jovens fazerem diversas brincadeiras entre si, e olhar bastante as meninas. Alguns meninos passavam e eram zoados, um deles chegou em pose bastante agressiva, e houve uma troca pesada de chingamentos. Não sei especificar do que se tratava. Saliento particularmente uma interação ocorrida entre estes meninos e outros grupos de meninas, com relação a alguns panfletos que foram distribuídos com a programação da Virada. Os meninos tinham vários panfletos, e decidiram distribuí-los para algumas meninas como pretexto para entrar em contato com elas. Mas assim que um deles se predispôs a fazer isso e se afastou do grupo, alguns de seus colegas começaram a chamá-lo, em voz alta, de moto-boy, entregador, e coisas do tipo, e isso gerou uma situação engraçada de deboche e ambivalência. Não consegui ver se isso surtiu algum efeito prejudicial no jovem que havia decidido aproximar-se das meninas, porque ele estava meio longe e havia outros grupos no meio. Mais tarde a brincadeira continuou, e outro menino foi levar o panfleto a um grupo de meninas que estava do outro lado da rua, em pé, conversando. Seus amigos começaram a chamá-lo e zoar com ele no mesmo sentido, mas ainda assim ele entregou o panfleto a três das quatro meninas. Quando voltou para entregar àquela que faltava, a menina se recusou a aceitar, provavelmente porque as zoeiras e gritos dos amigos, por não estarem dotados de um significado claro para quem estava tão longe, aparentemente foram consideradas como endereçadas a elas mesmas. Por isso, logo depois que o menino voltou, a mesma menina que não havia aceitado os panfletos aproximou-se deles com os panfletos entregues às outras três e disse que elas falaram para "enfiar no rabo".

- 16 Depois de um certo tempo de espera, o "cortejo" começou: um grupo de maracatu, com muitos tambores e um "bicho" enorme feito de cabeça (segurada por uma pessoa), longo tecido (onde as pessoas podiam entrar) e cauda (segurada por outra pessoa). O evento parece ter sido bem sucedido em chamar atenção, conduzindo todos, ao menos inicialmente, ao teatro, e durou uns 15 ou 20 minutos, durante os quais eu fiquei fotografando e andando.
- 17 Quando chegamos no teatro, havia indícios claros de que o auditório ficou mais cheio por causa do cortejo, e se não me engano um show de dança começou na sequência. Eu entrei para assistir, e saí por algumas vezes, estava transitando mais ou menos de forma parecida com a que muitos jovens faziam, sem respeitar os intervalos entre as apresentações. Havia uma platéia mais estável, de gente mais velha concentrada na região central do auditório, e um grupo volúvel de jovens que ocupavam de forma intermitente as alas laterais, entrando e saindo com frequência.
- 18 Depois de um certo tempo, um guarda foi posicionado na entrada do teatro, para controlar o acesso e diminuir o entra e sai. Acho que eu já estava lá dentro quando isso aconteceu. Uma mulher que parecia estar coordenando as apresentações interrompeu um dos shows e subiu no palco para falar coisas das quais eu não tinha presenciado (devia estar fora no momento, não sei). Basicamente, ela pediu respeito para com os músicos que estavam se apresentando, que segundo ela não eram da comunidade, eram de primeira qualidade e não estavam recebendo nada pelo trabalho. Disse que o CEU é de todos e precisa ser respeitado. Pediu ao segurança, pelo alto-falante, para liberar o acesso de quem estava esperando na porta, mas pediu para que o entra e sai fosse reduzido em respeito aos músicos. Pediu que alguns jovens tirassem os pés das cadeiras e parassem de atrapalhar as apresentações, pediu que parassem de subir no palco sem ser convidados e, já muito emocionada, pediu respeito e consideração repetidas vezes, e finalmente mostrou uma bola de papel higiênico molhado que havia sido atirada nos músicos. Chorou, disse que aquilo era um absurdo, repetiu-se mais, e por fim pediu para que um menino se retirasse, sem que eu pudesse saber o motivo. Enquanto ele saía, ela agradeceu e disse que ele era sempre bem vindo das próximas vezes.
- 19 Depois disso as apresentações transcorreram com mais normalidade, mas ainda assim havia um pouco de gente entrando e saindo. Fui embora depois do início da dança do ventre.
- 20 Num intervalo, houve uma gag de um palhaço, e me chamou a atenção um menino na fileira da frente, que começou a falar em voz alta que aquilo não tinha graça, etc, mas logo ficou quieto, e a apresentação no fim foi bastante aplaudida.
- 21 Chamo atenção ainda para uma conversa que tive com o guarda, na portaria do CEU, no meio da minha estada. Ele disse que a molecada é muito "mal educada", ou coisa do tipo. Disse que no tempo dele a coisa não era assim, que se falasse palavrão em casa apanhava na boca. Quando perguntei que tipo de coisas os jovens faziam, disse que eles acionam o extintor, dentre outras coisas. Disse que vira e mexe eles tem que convidar alguém a se retirar, e esse parece ser um procedimento protocolarizado, já que também vi o fato acontecer no teatro, um pouco depois, como narrei acima.
- 22 Para mim todas apresentações no teatro pareciam relacionadas aos cursos extra-curriculares oferecidos pelo CEU, mas depois a organizadora me disse que havia pessoas de fora da comunidade se apresentando, deixando claro que isso era um ganho para o evento em relação às festas temáticas que acontecem regularmente neste CEU, e que

geralmente apenas mostram os eventos que os alunos estão envolvidos. Como os três ou quatro grupos que vi se apresentarem estavam encabeçados por professores que davam aulas regulares no CEU (um professor de dança e música que coordenou duas ou três apresentações, e uma professora de dança do ventre), imagino que o comentário da organizadora se referia a alunos deles, que provavelmente vieram de fora - suponho isso baseado em fato similar, que vi no CEU Butantã. Além disso, talvez eu tenha perdido as apresentações de fora, que podem ter acontecido antes de eu chegar.

- 23 Um outro ganho que a organizadora relatou foi a presença de jovens que não eram das escolas do CEU, coisa que também não acontece nas festas temáticas regulares. Estes jovens foram os que, segundo a organizadora, teriam tumultuado as apresentações, conforme descrevo mais à frente. Ela aponta a presença deles como positiva, mas disse que é nítida a diferença de comportamento entre os jovens que frequentam o CEU (e que obviamente passaram por um trabalho de formação no sentido de respeitar o espaço e as atividades) e os que não frequentam. Disse que estes que não frequentam provavelmente são parentes ou amigos dos alunos regulares, ou estão passando o fim de semana na casa de parentes que moram perto. Quando eu me referi à dificuldade de ensinar a respeitar o espaço, ela disse: "é trabalho de formiguinha", aludindo à necessidade de repetir diariamente a tarefa, para que dê algum resultado. Com isso ela fez referência tanto à dificuldade da tarefa, quanto à sua disposição em realizá-la, e isso me parece tão significativo quanto a reclamação emocionada da coordenadora do evento, que relatei acima.
- 24 Em suma, ainda que a frequência ao evento fosse de jovens das imediações do CEU, a Virada pareceu abrigar uma diversidade maior de públicos e apresentações, e como consequência, um risco maior para a estabilidade dos eventos previstos, já que boa parte das pessoas não estava familiarizada com as práticas de sociabilidade e com os padrões mais respeitosos de interação, desenvolvidos somente com os frequentadores mais assíduos, através do "trabalho de formiguinha" dos administradores do CEU, segundo expressão que relatei acima.

---

AUTHOR

VINÍCIUS SPIRA

Mestrando em Antropologia Social pela USP